

.....

***Presença do “sacrificium”, na lei do contrapasso nos cantos do Inferno e do Purgatório na Commedia de Dante Alighieri***

José Luiz Caon<sup>1</sup>

**Resumo**

A partir da análise da polissemia da noção de sacrifício, relacionado tanto ao que é divinizado e inviolável, como também ao que é criminoso, ímpio, execrável, infame, detestável, horrível, para então realizar uma comparação com a noção de contrapasso na obra A Divina Comédia de Dante Alighieri. No Inferno, os pecadores aparecem muito mais penitenciados por Dante do que por Deus. Em algumas cenas, porém, o personagem Dante, se pudesse morrer de compaixão, morreria, como no encontro com Paolo e Francesca (Canto V do Inferno). Essa análise comparativa permitirá ao autor destacar o uso que o poeta e político Dante fazia do contrapasso: mostrar como se fossem coisas do além, para ironizar o aquém.

**Palavras-chave:** *Sacrifício. Contrapasso. Thomas de Aquino. Dante Alighieri.*

***Présence du "sacrificium" dans la loi du contre-appui dans les chants de l'enfer et du purgatoire dans la commedia de Dante Alighieri***

**Résumé**

Ce travail fait une analyse polysémique de la notion de sacrifice, liée à la fois à ce qui est divinisé et inviolable, ainsi qu'à ce qui est criminel, impie, exécration, infâme, odieux, horrible, pour ensuite faire une comparaison avec la notion de contrepartie dans l'oeuvre la Divine Comédie de Dante Alighieri. Dans l'Enfer, les pécheurs apparaissent beaucoup plus pénitents à Dante qu'à Dieu. Dans certaines scènes, cependant, le personnage de Dante, s'il pouvait mourir de compassion, mourrait, comme lors de la rencontre avec Paolo et Francesca (Chant V de l'Enfer). Cette analyse comparative permettra à l'auteur de mettre en évidence l'utilisation du contre-appui (contrapasso) par le poète et l'homme politique Dante: en montrant comme s'il s'agissait de choses d'au-delà, pour boudier (ironiser) les choses en deçà.

**Mots-clés:** *Sacrifice. Contre-appui. Thomas d'Aquin. Dante Alighieri.*

.....

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicopatologia e Psicanálise (ParisVII), Professor Aposentado Departamento de Psicanálise e Psicopatologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Rua Riveira 600 – CEP 90670 – Porto Alegre - RS - Brasil. E-mail: jlcaon@terra.com.br

*Sempre ouço dizer “torna teu o que herdaste de teus antepassados”; mas, cabe acrescentar imediatamente: “e abandona o quanto antes o que não te foi dado nem te é dado atualmente e jamais te será dado”.*

Uma primeira noção de “contrapasso” (contrapartida, contrapassum) pode ser visualizada, figurada, sentida, intuída e concebida a partir do e pelo termo “contrapeso”. O contrapeso é o peso que é posto num prato da balança tradicional em cujo prato oposto encontra-se um peso equivalente. O contrapeso justo produz equilíbrio horizontal numa balança tradicional. Uma equação de primeiro grau é uma teorização acabada de um contrapasso perfeito.

Assim, o equilíbrio justo é obtido por meio e um peso posto opostamente a um peso dado, num prato de balança tradicional: é contrapeso posto destinado a produzir o equilíbrio deste prato em relação ao outro peso posto no outro prato da balança.

O que isso tem a ver com as noções que encontramos nos vocábulos “vingança”, “sacrifício” frequentemente encontrados no processo de produzir um contrapasso?

O vocábulo “sacrifício” na lusofonia é a tradução direta do vocábulo latino “sacrificium”. No vocábulo latino, comparecem dois outros vocábulos, a saber, “sacer” e “facere”. “Sacer” é um adjetivo que corresponde a nosso adjetivo “sagrado”, mas, também corresponde a nosso adjetivo “ímpio” ou “profano”. Note-se a diferença em “sacrossanto” e “sacrílego”; “sacralizar” e “dessacralizar”.

Nas catequeses católicas, inicialmente o catequizando aprende que a palavra “sacrifício” equivale à palavra “mortificação”, isto é, uma vivência fisiológica (corporal) ou psíquica (espiritual) ou ambas. Essa vivência ou experiência singular é sentida dolorosamente no corpo ou na mente, isto é, na carne (privação de prazeres ou acréscimo de dores) ou no espírito (renúncia de vontades ou suportaçãõ de contrariedades).

A seguir dessas primeiras noções, o catequizando é levado a entender o que vem a ser a tortura cruenta e humilhante (sacrifício, mortificação) até à morte de Jesus de Nazaré, acontecimento também chamado de “paixão e morte de Jesus”. É, pois, um sacrifício ou mortificação cruentos completados com a morte pelo suplício atroz e humilhando no patíbulo da cruz. Mais. Aprende definitivamente que a definição dogmática de “missa” é “a renovação incruenta do sacrifício da cruz”.

Antes de ser empregado como tortura até a morte de um vivente (dasein), o termo “sacrificium” também aparece denotado e conotado na palavra “pluralia tantum”, “hóstia”, que

quer dizer “vítimas”. “Hostia, hostiarum, são as vítimas oferecidas à/s divindade/s, tanto para aplacar sua ira (dela/s), como para lhe/s demandar proteção e amor. Daí as expressões “sacrifício expiatório” e “sacrifício propiciatório”

Cabe também examinar o termo “sacer”, que na lusofonia aparece como “sacro” e “sagrado”, mas também como seu oposto, como se verá. É um desses termos que mereceram análises diferentes por parte de Freud e Benveniste. De qualquer maneira, “altus” latino aparece na lusofonia em “alto”, tanto no sentido positivo como no sentido contrário, por exemplo, “Glória a Deus no mais alto dos céus e paz aos viajantes no mais alto mar!”

“Sacer, sacra, sacrum” é adjetivo latino triforme que significa dedicado a uma divindade, isto é, consagrado, divinizado, santificado, venerável, sagrado, inviolável. Mas, também significa criminoso, ímpio, execrável, infame, detestável, horrível.

Curiosamente, “sacramentum” (sacramento) é, no antigo direito romano, a quantia depositada pelas duas partes litigantes num processo jurídico. A quantia depositada pela parte derrotada passava a ser empregada para fins religiosos.

Então, temos o termo “sacrifício” que significa “tornar sagrado o que é profano” e “sacrilégio” que significa “tornar profano o que é sagrado”. E sacerdote (do verbo “sacerdare”, “sacerdotare”) é aquele que dá ou torna sagrado o que é profano ou vice-versa. Assim, o pão ázimo se torna “hóstia” pela palavra do sacerdote num dado momento da missa, chamado de “consagração”.

Mais. Então, “sacrifício” na lusofonia é o vocábulo latino “sacrificium”, formado por “sacer”, “sagrado”, mais a raiz “facere”, “fazer”. E “sacrilégio”, na lusofonia, é o vocábulo latino “sacrilegium”, que é o ato de roubar um templo. A expressão “sacrum legere” quer dizer “furtar objetos sagrados” que provém de “sacrum”, “sagrado”, isto é, “dedicado a uma divindade” e “legere”, “pegar, tomar, colher”.<sup>2</sup>

Vimos que na lusofonia, o vocábulo “sacrifício” tem também o sentido de "privação, voluntária ou forçada, de um bem ou de um direito". Este significado é uma redução do campo semântico original do vocábulo, que significava a prática de ritos e cultos nos quais eram oferecidas vítimas animais ou humanas, ou bens, como frutas ou manjares à/s divindade/s com diferentes intenções ou votos. Um exemplo, são certos despachos na religião da umbanda e o rito cerimonioso do ofertório nas missas dos cristãos.

O significado do vocábulo “contrapasso” pode agora ficar mais bem ilustrado com as análises perfunctórias acima trazidas. Na prática, basta se informar junto a esses juízes de direito

---

<sup>2</sup> Cf. Recuperado de: <https://origemdapalavra.com.br/>

psicopedagogos que transformam em penas alternativas aquilo que o direito apenas constitui como pena vindicativa.

De qualquer forma, é preciso ilustrar e usar, como Dante fez, a noção de contrapasso, contrapartida ou contrapeso. De fato, o leitor da *CoMMedia* de Dante Alighieri, especialmente ao longo dos primeiros 67 cantos, respectivamente 34 do *Inferno* e 33 do *Purgatório*, encontra, na concepção e construção da maioria dos cantos, uma aplicação da teoria da lei do contrapasso, figurativamente muito bem desenvolvida e poeticamente empregada pelo bardo. Essa teoria dantesca vale como bússola para o entendimento de cada um dos cantos do *Inferno* e do *Purgatório*, onde o cerne do canto é a teoria do contrapasso.

Na Itália, três preciosos folders das Edizioni Esagono, que me foram trazidos de Florença por Maria Aparecida BASSO-MORANDI, trazem sucintamente, mas bem pontualmente 01) a temática; 02) identificação dos personagens tratados; 03) resumo do canto e 04) e quando é o caso, A PENA E O CONTRAPASSO.<sup>34</sup>

Mas, penso que é preciso contar a pequena história do comerciante e da viúva, a PAZCÁCIA, história que ilustra bem o que é contrapasso.

PAZCÁCIA, uma dama devotíssima do Apostolado da Oração. Não fosse isso, seria uma dessas beatas que gostam de posar na Rede Vida, brasileira, desfilando vaidosamente o terço do rosário católico, como se fosse artista da novela da Globo.

PAZCÁCIA era exímia confeiteira de manteiga e derivados. Um dia, o comerciante quis testar a moralidade da velha viúva e eis que na balança dele, cada “quilo” de manteiga, pesava 850 gramas. Ele a repreendeu severamente. Mas ela não se deixou humilhar e o ofendeu e o injuriou tanto que ele, ressabiado, foi dar parte ao juiz, acusando-a de ser ladra.

O juiz acatou a queixa do comerciante e mandou chamar a PAZCÁCIA. Passou-se o seguinte diálogo, entre o juiz e a ré, na presença do comerciante.

Juiz - A senhora entrega dois quilos de manteiga semanalmente a esse Senhor?

Viúva PAZCÁCIA - Sim, Senhor Juiz.

Juiz - A senhora é acusada de furto, pois não entrega em cada quilo 1000 gramas de manteiga, mas somente 850 gramas.

Viúva PAZCÁCIA - Não pode ser verdade, Senhor Juiz.

O Juiz começou a sondar os procedimentos da viúva.

<sup>3</sup> <https://www.amazon.it/Divina-Commedia-Inferno-Riassunto-1/dp/884336040X>

<sup>4</sup> <https://www.libreriauniversitaria.it/divina-commedia-purgatorio-riassunto-esagono/libro/9788843360413>

Juiz - A senhora pode me contar que pesos usa na balança?

Viúva PAZCÁCIA - Para dizer a verdade, não uso pesos, pois meu neto, um capeta, os extraviou. Mas, mesmo assim, eu sempre peso a manteiga.

Juiz - E como é que a Senhora faz?

Viúva PASCÁCIA - Na falta dos pesos que meu neto extraviou, eu uso no lugar dos pesos, o pacote de café de 1 quilo que semanalmente eu trago do armazém desse senhor comerciante.

O contrapasso é versão criativa que pode ser versão humorística, mas também versão sábia da lei do talião. Ao invés de praticar a vingança pura e simples por meio de armas e derramamento de sangue, pode-se praticá-la por meio de palavras? Não se encontrava nessa abordagem, o pensamento pesquisador de Freud, nesta passagem entre muitas que encontramos em Freud, 1893h, *Sobre los mecanismos psíquicos de los fenómenos histéricos*, Amorrortu, Vol 03, p. 37-38.

“Y mientras más intenso el trauma psíquico, tanto más grande la reacción adecuada. Pero la reacción adecuada es siempre la acción. Sin embargo, un autor inglés lo señala con chispa: *el primero que en vez de arrojar una flecha al enemigo le lanzó un insulto fue el fundador de la civilización, de ese modo, la palabra es el sustituto de la acción, y en ciertas circunstancias (confesión) el único sustituto*”.

Como disse, a Lei do Contrapasso é extensivamente empregada por Dante Alighieri na sua CoMMedia. Tudo indica que ele a teria tirado da SUMMA de outro italiano que desenvolvera uma grande discussão em torno da Lei do Contrapasso. Observem que escrevo CoMMedia e SuMM com MM maiúsculos. É uma homenagem aos que concebem a CoMMedia dantesca como uma “Mini-SuMMa Theologica” da SuMMa Theologica de Tomas de Aquino. E um papa, Bento XV, em 1921, chama à CoMMedia de Quinto Vangello. ‘Fu intanto papa Benedetto XV a dichiarare la CoMMedia il nostro QUINTO VANGELO con la sua Enciclica "In praeclara Summorum" del 30 aprile 1921.<sup>5</sup>

Essa concepção da “lei do contrapasso” aparece também na base e no enredo do filme *Seven*. “I won’t deny my own personal desire to turn each sin against the sinner” (Eu não negaria

---

<sup>5</sup> Recuperado de: <http://www.associazionelucacoscioni.it/rassegnastampa/intervista-monsignor-giuseppe-casale-lasciamola-morire-pace-come-facemmo-con-giovanni> / Recuperado de: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xv/encyclicals/documents/hf\\_ben-xv\\_enc\\_30041921\\_in-praeclara-summorum\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xv/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_30041921_in-praeclara-summorum_en.html) (Em 28jul de 2019)

que meu desejo pessoal fosse fazer com que cada pecado se volte contra o pecador), diz John Doe, no filme *Seven* (1995), dirigido por David Fincher.<sup>6</sup>

Podemos perguntar-nos se não há contrapasso na figuração da volta do cipó de aroeira no lombo de quem mandou dar, na canção “Aroeira”, de Geraldo Vandré?<sup>7</sup>

Aquino (1225-1274) dedica, ao tema do contrapasso, o Artigo 04 da Questão 61, da Segunda Parte do seu Segundo Tratado da *SuMMA Theologica* (Edições Loyola, Volume VI, p. 103-105). A lição de Aquino aparece no contexto onde se trata das partes ou espécies de justiça, a saber, da justiça comutativa e da justiça distributiva. E ele se pergunta: "Utrum secundum aliquam earum specierum justum sit idem quod contrapassum" (Se, segundo alguma dessas duas espécies de justiça - comutativa e distributiva - o justo seja a mesma coisa que o contrapasso?).

Um leitor pode ficar com a ideia de que contrapasso equivale a talião, contrapartida e simetria entre infração e castigo (sacrifício), como se contrapasso equivalesse ao princípio vingativo de dente por dente, olho por olho, a tal ponto que vemos em traduções de “contrapassum” os termos “retaliação” e “contrapartida”.

Na verdade, Dante usa o contrapasso, nesse sentido, isto é, sentido altamente vingativo. Teologicamente, Dante seria mais primário e primitivo que Aquino. Seria um praticante da “Alta vendeta d’alto silenzio è figlia”, lema de que Morris West se serve para encabeçar seu romance “A filha do silêncio”?<sup>8</sup>

Em primeiro lugar, o leitor precisaria parar um pouco e consultar ainda se tem bem claras as noções e definições de justiça comutativa e justiça distributiva. São noções muito bem estudadas já em Aristóteles, por exemplo em *Ética a Nicômaco*, Livro 05.

Como se sabe, Aquino, ao expor seu pensamento por escrito, procede dialogicamente, isto é, conversacionalmente. Na verdade, vindo de perto, não passam de monólogos redigidos dialogicamente. É a mesma astúcia que utiliza o escritor teatrólogo, romancista, etc. Assim, Aquino, depois de ele mesmo lançar a questão, emite argumentos contrários contra a sua primeira tese, isto é, contra ele mesmo, para, em seguida, rebatê-los. E é claro que um Aquino sempre vence!

Conta-se que os primeiros protestantes usavam esses contra-argumentos tirados da *SuMMA Theologica* para lançar ao católico menos informado da época. E frequentemente esse, que somente ouvia o sermão do pobre e inculto vigário, sem jamais ter lido e estudado na

---

<sup>6</sup> Recuperado de: <http://www.weichbrodt.org/text/contrapasso.html>

<sup>7</sup> Recuperado de: <http://www.youtube.com/watch?V=egybl1knyyo>

<sup>8</sup> Recuperado de: <http://www.visionvox.com.br/biblioteca/a/a-filha-do-sil%C3%aancio.txt>

SuMMA, ficava atordoado, quando não derrotado, pelo contra-aquino protestante. Mesmo assim, ele não se tornava protestante! E também não se tornava leitor estudante da SuMMA!

Por exemplo, o primeiro dos oponentes dialógicos de Aquino, argumentando que o justo equivale a contrapasso, dá a ideia que contrapasso é retaliação, isto é, a lei do dente por dente, olho por olho, que é a lei do talião. Esse primeiro oponente diria que o contrapasso é absolutamente justo. Assim sendo, o homem mau que contrai dívida, em obrando maldades, tem que pagar a dívida proporcional à ação má que ele praticou. E apoia-se em Mt 07, 02: “Porque com o juízo com que julgais, sereis julgados; e com a medida com que medis vos medirão a vós.” Portanto, o justo, para ser justo, teria que ser o contrapasso no sentido da retaliação: ser medido pela mesma medida usada para medir a ofensa ou o prejuízo.

Aquino, contrapõe ao pronunciamento desse primeiro oponente, uma afirmação de Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, 05, onde se diz que o justo nem sempre é o mesmo que o contrapasso, entenda-se, retaliação, isto é, que não é qualquer justo que é o equivalente ao contrapasso. Isto é, eu acrescentaria ao termo “justo” aquilo que Aristóteles também diz do termo “ser”: o ser se diz de diferentes modos, o justo se diz de diferentes modos.

E Aquino continua dizendo que aquilo que se entende por contrapasso implica pagamento ou compensação *análoga* à ação precedente. Isto é, para uma ação de dívida previamente contraída, há que se responder com pagamento. Dito de outro modo ainda, o contrapasso é uma compensação com a qual se recompensa, com pagamento, o efeito de uma ação precedente. Isto é, deve ser *analogamente* equivalente à ação obrada precedentemente.

A discussão prolonga-se e tanto essa como outras discussões parecidas do aquinata ressoam, em parte, e se prolongam na poesia do nosso florentino. Basta ler o *Inferno* e o *Purgatório* de Dante tendo ao lado, aberta, a *SuMMA Theológica* de Aquino.

Veremos que Dante, em sua CoMMeia, especialmente no *Inferno* e no *Purgatório*, está mais inspirado pela musa Justiça do que pela musa Beatriz! Aparentemente, na sua CoMMeia, Dante se ocupa, mais da Justiça do que do Amor! E, aparentemente, na CoMMeia, Dante é mais devoto da Justiça do que o é Aquino na sua SuMMA!

Pareceria que, para Dante, Deus é bem mais justiceiro do que amoroso. Nesse aspecto, Dante diverte-se sádica e sarcasticamente com os pecadores, fazendo-os passar por castigos que, além de bem dolorosos, são profundamente humilhantes e eternos, se estão no Inferno, e muito demorados, se estão no Purgatório.

Parece que no *Inferno*, os pecadores aparecem muito mais penitenciados por Dante do que por Deus! Dante seria como um Deus finamente carrasco que, em castigando os malvados, às vezes escarmenta, faz gozações e deboches contra eles, sejam demônios ou réprobos.

Outras vezes, porém, se pudesse morrer de compaixão, morreria, como no encontro com Paolo e Francesca. Todavia, Dante, goza de álibis da alta poesia. Fazendo alta poesia, não poderia não se alinhar a uma justiça vindicativa avant-la-lettre, como os que no renascimento propunham: "Fiat justitia, et pereat mundus", ou "Fiat justitia, ruat caelum". E no iluminismo, vamos encontrar Kant repetindo: "Fiat iustitia, pereat mundus" isto é, "das heißt zu deutsch: es herrsche Gerechtigkeit, die Schelme in der Welt mögen auch insgesamt darüber zugrunde gehen". Já Rudolph von Jhering, curiosamente, diz: "Fiat justitia, ut floreat mundus" (Faça-se justiça, para que o mundo prospere e floresça).

Dante, banido e contrariado em suas ambições políticas, torna-se um verdadeiro cruzado contra os maus costumes dos conterrâneos e contemporâneos dele. Torna-se refém da justiça, especialmente no que se refere aos aspectos vingativos da justiça comutativa. Sabemos que toda justiça perfeita é injúria perfeita: *suMMum ius, suMMma iniuria* (justiça suprema é suprema injúria). Mas, no lugar de Dante, um sujeito ou cai no rancor, no ressentimento, na melancolia corrosiva, ou se ergue agitando as próprias penas com sua pena, transformando castigos e penas em espada e plumas num voo que ultrapassa o tempo e o espaço de uma Itália dividida. Aliás, foi sorte de ele ter vivido numa Itália de verdade e abertamente dividida, condição que lhe permitiu viver em exílios dentro de sua própria pátria. Pátria que não é outra do que a própria língua. Assim sendo, *se nossa pátria é nossa língua, então nunca sofreu o exílio de sua verdadeira pátria!*

Dante, poeticamente, morre de compaixão, mas logicamente, vive de vinganças. Diferentemente, seria um *Inferno* e um *Purgatório* comandados por um Dante que aceitasse irreversivelmente que Deus, acima de tudo e primeiramente, é Deus de amor!

Pitigrilli também é capaz de debochar dos maus, mas diferentemente de Dante, Pitigrilli debocha amorosamente, fazendo gozações carinhosas: "Ser homem é já por si mesmo uma circunstância atenuante". E por que não? Basta ser brasileiro para merecer atenuantes... E nosso Ariano Suassuna, em "A compadecida" (Auto da compadecida) está mais para Pitigrilli do que para Dante.

Por fim, não há como não pensar num cristianismo amoroso e razoável fundado no amor e na razão, pois que, somente com razões amorosas e amores razoáveis poderemos continuar sobrevivendo apesar dos Infernos e Purgatórios, iguais a esses Infernos e Purgatórios em que vivemos neste atual pobrezinho Brasil que, Dante, por motivos ainda inexplicáveis - alguém entende um poeta quando esse é um poeta maior? – mostraria como se fossem coisas do além, para escarmentar o aquém.



Hoje, podemos ser marxistas sem pertencer a partido; podemos ser lacanianos sem pertencer a instituições; e podemos ser cristãos sem fazermos parte de alguma paróquia ou sistema de mitos, ritos e cultos. Há um mito que quero relembrar por que me serve para entender uma das razões por que Lúcifer chora no profundo Inferno. É um mito consolador que certamente teria sido do agrado do italiano Giovanni Papinni.<sup>9</sup>

Modifiquei algumas palavras neste diálogo, a fim de torna-lo mais compreensível, pois que trata de um tema bem paradoxal.

MOYERS: E, apesar disso, um dos meus mitos favoritos é uma história persa, que diz que Satã foi condenado ao Inferno porque amava demasiado a Deus.

CAMPBELL: Sim, essa é uma ideia básica do islamismo, a de que Satã é o maior dos amantes de Deus. Há várias maneiras de pensar em Satã, mas essa se baseia na questão: “Por que Satã foi lançado ao Inferno?” A história convencional diz que, tendo criado os anjos, Deus disse-lhes que não se curvassem senão diante dele. E então criou o homem, que ele concebeu como uma forma menos elevada que os anjos, pedindo a estes que o servissem, na encarnação humana da divindade. E Satã obedecendo amorosamente a Deus, não se curvaria diante de homem algum.

Pois bem, isso é interpretado na tradição cristã, conforme me lembro do que aprendi na infância, como sendo o orgulho de Satã. Ele não se curvaria diante do homem. Mas, na história persa, ele não se curvaria diante do homem por causa do seu amor a Deus; ele só se curvaria diante de Deus. Deus mudou os sinais, você percebe? Mas Satã estava tão envolvido com o primeiro conjunto de sinais que não poderia transgredi-los, e em seu... Não sei se Satã tem ou não um coração. Mas em sua mente ele não podia curvar-se diante de ninguém, exceto Deus, a quem ele amava. Então Deus diz: “Saia da minha vista”.

Bem, o pior dos padecimentos do Inferno, a julgar pelo que sabemos dele, é a ausência do amado Bem, que é Deus. Então, como Satã se mantém no inferno? Pela memória do eco da palavra de Deus, que lhe disse: “Vá para o inferno”. Isso é um grande indício de amor.

<sup>9</sup> Recuperado de: <http://kavorka.wordpress.com/os-melhores/o-demnio-me-disse-por-giovanni-papini/>

MOYERS: Bem, na vida, não há dúvida de que o pior dos infernos que alguém pode suportar é estar separado de quem ama. Por isso me tocou o mito persa. Satã é amante de Deus...

CAMPBELL: ...e está separado de Deus; essa é a sua verdadeira dor.<sup>10</sup>

Vejamos finalmente como é visto o contrapasso numa passagem de nosso romancista Pozenatto:

- Vou te contar uma, Roco - disse Ambrósio Batiston, assim que Domênico saiu para a rua, debaixo do sol de verão, ainda com o palito nos dentes.

(...)

- Não ouviu o que eu disse? Tenho uma boa para te contar.

(...)

- Conta de uma vez, vai.

- Peguei o patrão pesando o gancho de ferro junto com a carne de uma freguesa - riu. - Ele não me viu, claro.

- E ela? Não reclamou?

- A mulher? Estava distraída, conversando com outra. Devia ser mais esperta.

Eram as histórias de que Ambrósio gostava. No primeiro dia chegara contando que o dono da casa de secos e molhados em que trabalhava tinha dois jogos de pesos de balança, um para as vendas de arroz e açúcar aos fregueses e outro para comprar o milho e o feijão dos colonos. Discutiram, porque essa safadeza deixava Roco furioso. Mais ainda o enfurecia ouvir o Ambrósio dizer que isso não era desonestidade, era esperteza. E vinha agora com outro caso do gênero, achando-o engraçado, certamente para fazer implicância. Tentar fazê-lo pensar diferente era como lavar a cabeça de um burro, perdia-se a água e ainda o sabão. Assim mesmo, Roco não podia deixar passar em branco a provocação.

- Tu sabes que não acho certo isso. Não acho mesmo. Ambrósio riu, debochado.

- Sei, claro que sei. E tu também sabes o que eu penso. Só existem espertos porque existem os trouxas, eu já te disse. Cada um que se defenda. Eu pelo menos não

<sup>10</sup> Recuperado de: <http://www.culturabrasil.org/campbell.htm>

reclamo se alguém me enrola. Reclamo? É sinal de que achei um mais esperto do que eu e que tenho que ser mais esperto ainda, da outra vez.

- É. Assim vais acabar sendo um grande comerciante.

- Ah, vou, com certeza. Podes ficar certo que vou. Por enquanto estou aprendendo. Quando aprender tudo o que é preciso, me instalo por conta própria. Aqui é muito fácil ganhar dinheiro.

- Não tendo escrúpulos, sim, é fácil.

- Pára, Roco. Não vem com sermão. Não para cima de mim. [146]

- Que eu saiba, quem anda atrás dos padres és tu, não sou eu. Quem gosta de sermão és tu.

Ambrósio deu na mesa um soco que fez saltar os pratos. Foi a vez de Roco rir.

- Já te falei que sou honesto. Só que honesto não quer dizer burro. Eu me viro, os outros que se virem também.

Uma crítica literária, Marilene Zanotto-Caon, deixou expresso numa entrevista recente que esperava também, de minha apresentação, que se falasse da morte na literatura. Sem ela o saber, a proposta dela vem ao encontro de uma proposta recente que fiz às psicopedagogas, a saber, que se pratique uma psicopedagogia do morrer. Isso nada tem a ver com preparação para a morte. A gente se prepara para um vestibular, para um concurso a fim de não rodar. Todavia, pelo que se observa, ninguém roda nessa prova do trespasse.

Então, o que seria um psicopedagogia do morrer? Creio que seja a psicopedagogia da partida, da saída daqueles que acreditam que sempre há vida ANTES da morte. Na prática, são conversações radicais faladas ou digitalizadas sobre como estamos vivendo o ocaso. Por que o pôr-do-sol, o ocaso, não pode ser tão atraente e interessante quanto o amanhecer?

Proponho agora os cantos mais representativos da CoMMedia (Inferno) que se construíram a partir da lei contrapasso dantesco. Sigo os folhetos das Edizioni Bignami.

Inferno, Canto 03: Pena e contrapasso: Durante a vida foram inoperantes e sem ideal, agora seguem uma insígnia atracados por vespas e mutucas.

Inferno, Canto 04: Pena e contrapasso: Durante a vida não conheceram a Deus, agora desejam vê-Lo mesmo não sendo jamais atendidos.

Inferno, Canto 05: Pena e contrapasso: Durante a vida se deixaram levar pelas paixões, agora são arrastadas por uma inclemente ventania.

Inferno, Canto 06: Pena e contrapasso: Durante a vida foram gulosos e glutões, agora jazem na lama dilacerados pelo cão Cérbero.

Inferno, Canto 07: Pena e contrapasso: Durante a vida se cansaram em acumular dinheiro, agora se cansam empurrando enormes moedas de pedra.

Inferno, Canto 08: Pena e contrapasso: Durante a vida, uns hostilizavam e sadizavam os outros, agora eles se entremolestam e entressurram; outros se isolavam e não participavam da vida, e agora estão afundados imersos no Estige.

Inferno, Canto 09, 10 e 11: Pena e contrapasso: Durante a vida viveram supultados em erros e heresias, agora jazem em sepulcros incansdescentes.

Inferno, Canto 12: Pena e contrapasso: Durante a vida usara de violência, abora, padecem, imersos em sangue, a violênica dos centauros.

Inferno, Canto 13: Pena e contrapasso: Durante a vida uns cometeram o auto-homicídio e agora eles estão transformados em plantas; outros foram esbanjadores e dilapidadores dos próprios bens e agora esses são mordidos e despedaçados pelos dentes de cadelas.

Inferno, Canto 14: Pena e contrapasso: Durante a vida blasfemara e ofenderam a Deus, agora jazem de costas não podem deixar de olhar para o céu.

Inferno, Canto 15 e 16: Pena e contrapasso: Durante a vida foram agitados por vagas e nebulosas paixões, agora andam sem descanso e sem rumo.

Inferno, Canto 17: Pena e contrapasso: Durante a vida ficaram seduzidos pela prática da usura acumulando dinheiro com dinheiro, agora não param de ficar seduzidos pelos seus fetiches que carregam no pescoço.

Inferno, Canto 18: Pena e contrapasso: Durante a vida serviram de alcoviteiros e rufiões, agora eles correm nus perseguidos e garfados por demônios; os outros lisonjeadores e sedutores, agora estão submersos no esterco.

Inferno, Canto 19: Pena e contrapasso: Durante a vida comercializaram bens e valores da religião, agora estão presos de cabeça para baixo em buracos de pedra.

Inferno, Canto 20: Pena e contrapasso: Durante a vida entregavam-se a verem e preverem o futuro, agora são obrigados a caminhar para a frente com a cabeça voltada para trás.

Inferno, Canto 21 e 22: Pena e contrapasso: Durante a vida praticam fraudes, agora estão à mercê de diabos mentirosos e desleais.

Inferno, Canto 23: Pena e contrapasso: Durante a vida os que foram hipocritamente escondiam os sentimentos, agora andam escondidos debaixo de pesadas capas; os que quiseram a morte de Jesus Cristo, agora estão crucificados no solo.

Inferno, Canto 24 e 25: Pena e contrapasso: Durante a vida se entregam à astúcia fazendo de roubos e furtos, agora são transformados em serpentes e atormentados por serpentes.

Inferno, Canto 26 e 27: Pena e contrapasso: Durante a vida foram maus conselheiros, agora estão envoltos em chamas de fogo.

Inferno, Canto 28: Pena e contrapasso: Durante a vida praticaram sedições, conspirações e cismas, agora estão com os membros divididos, dilacerados e mutilados.

Inferno, Canto 29 e 30: Pena e contrapasso: Durante a vida praticaram a alquimia e falsificações, agora estão com os próprios corpos desfigurados.

Inferno, Canto 31: Pena e contrapasso: Durante a vida se rebelaram contra Deus, agora, impotentes, jazem mergulhados num poço.

Inferno, Canto 32, 33 e 34: Pena e contrapasso: Durante a vida procederam com coração duro e gelado, agora jazem imersos no gelo. (O leitor poderá continuar lendo no Purgatório de Dante).

Preciso interromper essa excursão que dedico ao leitor que até aqui me acompanhou e, especialmente, se esse leitor é juiz de direito penal que corajosa e sabiamente é criador de penas alternativas, psicopedagogicamente corretivas e educativas.

### Referências

Aristóteles. (1991) *Ética a Nicômaco*. 4.ed. São Paulo: Abril Cultural.

Dante Alighieri. (2011) *La divina commedia*. Milano: Mondadori.

Dante Alighieri. (2011) *La divina commedia*. Folder Organizado por M. Bignami. Milano: Edizioni Esagono.

Thomas de Aquino (2010). *Suma Teológica*. 2. ed. São Paulo: Loyola.

Freud, S. (1990). *Sobre los mecanismos psíquicos de los fenómenos histéricos*. 1893h. In *Obras Completas*, v. 3. Buenos Aires: Amorrortu.

Pozenatto, J. C. (2008). *O quatrilha*. Caxias do Sul (RS): Ed. Maneco.